

---

***A UNIVERSIDADE SERIA UM CONTEXTO COMUNITÁRIO?***

Fernando A. Leite de Oliveira, editor

A Universidade no Brasil se expandiu com uma velocidade espantosa nos últimos 50 anos. Para os pesquisadores mais experientes, mais “erados” como se diz nos ambientes populares, houve um incremento fora do comum, análogo às mudanças que se verificaram no ramo da tecnologia. Assim como há 30 anos, pensar no telefone que nem era móvel poder ser um dia um computador portátil sem fio, da mesma forma, dificilmente se imaginaria há meio século a universidade com uma expansão gigantesca.

Na década de 60, existiam pouquíssimas universidades públicas e particulares, um número mínimo de faculdades e institutos isolados e o Ensino Superior era altamente elitista.

Com a explosão inicialmente de faculdades isoladas particulares no início da década de 70 e posteriormente com a formação de grandes conglomerados de ensino a transformação se deu na quantidade e nas características do ensino, haja visto que fenômeno do ensino noturno levou a uma distinção de qualidade tanto nos ensinos fundamentais médios como no ensino superior.

O que estava no sentido de legislação que regulamentou esse ensino superior era um tipo de organização onde as principais decisões são tomadas em conselhos de representação, nem sempre entendidas adequadamente por certas organizações particulares.

Nesse princípio, cada segmento da comunidade escolar é de algum modo representado e tem voz no processo de tomada de decisões.

De certa maneira, a universidade é diferente da empresa tradicional, onde o processo de decisões é vertical.

O importante é que tal modelo adotado leva em considerações que o processo de construção do conhecimento baseia-se no princípio que funcionários administrativos, docentes ou discentes ou docentes tem papéis e importância primordiais na pesquisa, ensino e na extensão.